

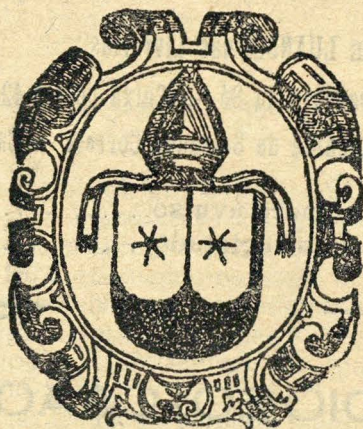
«DIOGO-CAÃO»**Revista Ilustrada**

de

Assuntos Históricos Angolanos

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

COLABORADORES — SELECIONADOS

**SUMÁRIO**

Naufração nas costas de Benguela, em 19 de Novembro de 1673 - A morte do governador Pedro César de Menezes (o segundo) - O bispo dom frei António do Espírito Santo - Medicina tropical - Paus, ervas, raízes... - Mais 320 páginas... - O médico Bomtempo - Despotismo velho e antigo - O bispo eleito d. frei Francisco - Um sobrinho de el-rei de Congo d. Garcia V - O sargento-mór Luís Vás - Quitanda de Benguela-a-Nova - Índice

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

= 1934 =

«DIOGO-CAÃO»

== CAIXA POSTAL 362 ==

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso
Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias :

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

54)

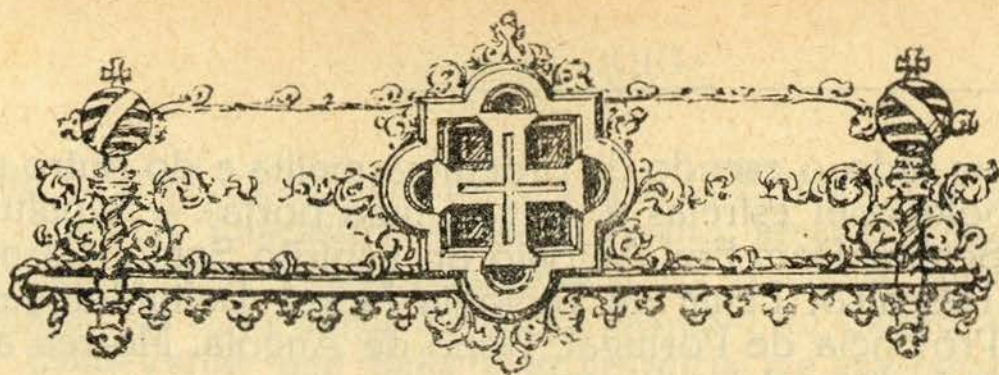
«DIOGO-CAÃO». — Revista ilustrada de assuntos históricos angolanos.

São-nos particularmente simpáticas as publicações desta natureza.

Pobres, e desajudadas, em geral, elas prestam serviços valiosísimos, evitando que se percam para sempre muitos apontamentos e informações preciosas sobre as coisas e os homens do Passado.

«DIOGO-CAÃO» é um verdadeiro arquivo de antiquilhas de valor sobre a acção missionária na nossa colónia de Angola. Se o pa-

(Continua na 3.^a pagina da capa)



História Ecclesiástica



Missionística



VÁRIAS SÃO AS NOTÍCIAS manuscritas e impressas que tratam do naufrágio que, a 19 de Novembro de 1673, aconteceu na costa de Benguela: nele succumbiu o governador de Angola, Pedro César de Menezes (o segundo), e se salvou o bispo, também de Angola, d. frei

António do Espírito-Santo.

Como vimos no Catálogo geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, d. frei António deixou impressos alguns compêndios ou tratádos de Teologia, em latim, prègou muitos sermões de santos e fez tambem panegíricos em portugûes, ou orações fúnebres.

Voltaremos, um dia, a êste assunto.

Por agora daremos dois trechos: — um inédito e da já referida *Crónica dos Carmelitas Descalços*, e outro — do *Ano Histórico* do padre mestre Francisco de Santa Maria.

* * *

Na Igreja do Carmo da cidade Luanda, ao arco cruzeiro, encontra-se uma pedra com a seguinte inscrição: — (Brasão do bispo, bipartido ou em pala, tendo

de um lado o escudo da ordem carmelita e do outro um símbolo com estrelas e, talvez, uma porta). — Sepultura do Senhor Dom Frei António do Espírito Santo, Carmelita Descalço, Lente de Teologia Moral, Definidor geral da Província de Portugal, Bispo de Angola. Morreu aos 27 de Janeiro, Ano de 1674. —

A data deste epitáfio não está certa e já nos enganou: foi a 12 de Janeiro que morreu o Bispo e não há que duvidar.

No tomo I da *Biblioteca Lusitana*, 2.^a edição, à página 257, estão as duas datas: 12 — certa e 27 — errada.

Lisboa, Dez. de 1934.

Padre POMBO.

Os Frades Carmelitas Descalços em Angola

(Continuação da pág. 230)

II

O bispo dom frei António do Espírito Santo

O il.^{mo} d. frei António do Espírito Santo † em Angola a 12 de Janeiro de 1674. — O il.^{mo} d. frei António do Espírito Santo, de alcúnia o *Negro*, natural da vila de Montemor-o-Velho, bispado de Coimbra, na província da Beira, que no mundo se chamava António Gonçalves Carraca, filho legítimo de Jerónimo Gonçalves e de sua mulher Filipa Gaspar, — tomou o hábito no noviciado do convento de Nossa Senhora dos Remédios de Lisboa, a 26 de Maio de 1635, e professou ali mesmo a 29 de Maio de 1636...

Sendo, em 1670, Prelado do dito convento dos Remédios, teve a nomeação de bispo de Reino-de-Angola por d. Pedro II, sendo príncipe regente desta monarquia, e lhe chegou a confirmação de Roma a 27 de Dezembro de 1672.

Foi sagrado na mesma igreja dos Remédios a 8 de Ja-

neiro de 1673, na dominga *infra* oitava da Epifania, pelo ex.^{mo} d. Pedro de Lancastro, duque de Aveiro, arcebispo de Sida e inquisidor-mór, sendo assistentes o il.^{mo} d. Fabião dos Reis, religioso da observância de Nossa Senhora do Carmo, bispo de Cabo-Verde, que tinha sido provincial de sua religião e nomeado bispo de Cochim, de que não chegou a ter bula de confirmação, e o il.^{mo} d. frei Luís da Silva, religioso da Santíssima-Trindade, bispo titular de Petriópole, pãra fazer os pontificais na Capela-Real, que depois foi deputádo da Junta dos 3 Estádos, bispo de Lamego e da Guarda, e faleceu sendo arcebispo de Évora.

Dom frei António partiu pãra a sua diocese a 16 de Julho do mesmo ano de 1673, em a nau capitãnea *Nossa Senhora da Penha de França*, na qual ia também embarcado o governador daquele estádo — Pedro César de Menezes (o segundo).

A 19 de Novembro, chegando à altura de 19 pãra 20 graus, se perdeu a nau em um baixio chamado — do Casádo — salvando-se o bispo, o seu vigário-geral, dois capuchinhos, o sargento-mór de Benguela, o Piloto e alguns marinheiros, que faziam o número de 22 pessoas, todos em um botezinho, em que mal cabiam 10 ou 12.

Nesta pequena embarcação navegaram 170 léguas em 13 dias até o Reino-de-Benguela, onde chegaram a 2 de Dezembro, quási nús e descalços, excepto o bispo que ia com o hábito de pano, que trazia pãra o mar: nos primeiros 5 dias não comeram nem beberam coisa alguma, em os demais se sustentaram com algum pouco marisco e peixe que pescavam com uns anzóis feitos de alguns arames que o bispo trazia nas pranchas das fontes. Algumas vezes o comeram cru e outras o cozeram em uma bacia de prata que escapou do naufrágio e pertencia ao governador, a qual também servia de despedir a água do bote.

No decurso da viagem saíram à terra a fazer aguáda em um barril de 12 canadas, que também tinha escapado, de que se repartia a cada um uma galheta dela por dia, e muitas vezes a beberam salgada pãra se lhes abrir a garganta.

No Reino de Benguela deram a todos vestidos, e ao bispo roquete, mitra, chapéu, e calçado. Aqui se deteve 2 dias e em ambos disse missa, crismando aquela gente; e, chegando neste

tempo um patacho, se embarcou nele com os companheiros a 5 de Dezembro, pãra o pôrto de Angola (Luanda) onde chegou a 9 do dito mês, e pelas dez horas da noite entrou no convento do Carmo. Ao outro dia, veio cumprimentá-lo o governador, que então era daquele estado — Francisco de Távora, filho terceiro do sr. António Luís de Távora, segundo conde de Sam-João de Pesqueira, que depois foi governador das armas das províncias de Trás-os-Môntes e Alentejo, vice-rei da India, regedor das Justiças, presidente do Conselho Ultramarino, do Conselho do Estado e Conde-de-Alvor. No segundo dia, 11 de Dezembro fez de manhã o juramento e, juntando-se logo o cabido, lhe deram a posse na Matriz da cidade de Luanda, que por êle tomou o seu Vigário-Geral.

Neste mesmo dia à tarde foi com o governador ver umas casas que lhe tinham preparado pãra delas fazer a sua entrada pública, que estava fixa pãra o dia de Sam-Tomé, 21 do dito mês de Dezembro, mas não foi **Deus** servido que estivesse nesse tempo com disposição pãra executar o que tinha determinado, porque a 12 do próprio mês lhe sobreveio uma febre que em dois dias se malignou e, achando-se melhor dela, no quatorzeno lhe incharam os pés e a barriga e lhe deram uns cursos, de que veio a falecer a 12 de Janeiro de 1674, e o sepultaram dentro do arco do altar-mór da igreja do mesmo convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade de Luanda.

Tinha, ao tempo de sua morte, 58 anos de idade; de religioso — 37 anos, 7 meses e 13 dias; e de bispo — um ano e sete dias.

(Da *Crónica dos Carmelitas Descalços*).

* * *

Ano Histórico do padre mestre Francisco de Santa Maria. Lisboa. 1714. Tõmo I. Página 62. — 12 de Janeiro de 1674. § IV.

Notícia de Morte do bispo d. frei António do Espírito-Santo.

Dom frei António do Espírito-Santo, religioso de Sagrada Ordem dos Carmelitas Descalços, foi muitos anos lente de Teologia Especulativa e Moral, e em ambas doutíssimo.

Imprimiu excelentes obras, quais foram o Directório de Confessores, o Directório de Regulares, em 4 tomos, e outro de consultas várias e outro de Teologia Mística, que se imprimiram muitas vezes com universal aceitação.

Foi bispo de Angola e o primeiro Bispo que a sua Religião teve em Portugal, e também o primeiro que, depois da Aclamação, passou àquela conquista.

Indo para ella, em companhia do governador Pedro César de Meneses, fez lastimoso naufrágio a 19 de Novembro de 1673.

Ainda chegou vivo a Luanda, onde morreu a 12 de Janeiro de 1674.

Jaz no Convento que a sua Religião tem naquela Cidade.

* * *

Ano Histórico, t. III. Lisboa, 1744. Págs. 356-358.
19 de Novembro de 1673. § II.

Notícia do lastimoso Naufrágio na costa de Benguela-a-Nova.

Pelos anos de 1673, partiram d'este Reino para os da Etiópia Austral duas poderosas naus e um patacho.

Na de maior fôrça (a que se deu o nome de Capitânia) iam embarcados Pedro César de Meneses e dom frei António do Espírito-Santo : aquelle — Governador, e este — Bispo de Angola, e em ambas ia grande número de Cabos e Soldados e grande cópia de víveres e munições, além de muitas fazendas de particulares.

Na linha tiveram uma tempestade, com que o patacho se desgarrou da consêrva das duas naus, e, como estas o não avistaram mais, o deram por perdido.

Mas que vãs são as imaginações dos homens !

A perdição, em que julgavam envoltos os companheiros, experimentaram lastimosamente em si.

Iam já chegando-se à Costa de Angola, quando, pela tarde de 19 de Novembro de 1673, largou a segunda nau tôdas as vélas ao vento e prepassou a Capitânia, intentando com ignorantíssima presunção avistar terra primeiro.

Foi isto um êrro intolerável, porque aquela vantagem, se succedesse, náda acreditava ao Capitão, e menos ao Piloto, antes o condenava justamente por ir contra a máxima capital dos navegantes que é : afastarem-se, quanto mais podem, da Costa, se lhe demora perto, fazendo-se na volta do mar, quando vem chegando-se a noite.

Sôbre aquele fatal êrro cometeram outro maior, picados nêsciamente, os que governavam ou desgovernavam a Capitânia, mandando largar as vélas na esteira da Almiranta.

Poucas horas haviam passado, quando, entrada já a noite, se achou improvisamente a Capitânia abarbada com terra e sôbre uns penedos.

Qual fôsse o sobressalto, o temor e a confusão da gente ? ! — não cabe em alguma explicação.

Forcejaram todo o possível por safarem o báixo, mas já não era possível : a nau por instantes se submergia com as pancadas que dava.

Todos se procuravam salvar e nenhum atinava com o modo.

O escúro da noite acrescentava o horror !

Lançaram por um bordo o batel ou bóte, e nele se embarcou o Bispo e 20 pessoas mais : pelo outro bordo lançaram o batelão, em que determinava salvar-se o Governador com as pessoas de mais autoridade e respeito, mas concorreu tanto pêso de gente que começou a haver ali uma grande revolta.

Apartaram-se breve espaço os do batel, quando em um ponto cessaram as vozes, que se ouviam na nau, sinal manifesto de que ela, ao submergir-se, virou sôbre o batelão, e ela e êle se colaram sùbitamente ao fúndo.

Assim veio a acabar naquela bárbara costa Pedro César de Meneses — o segundo — cavaleiro muito illustre em sangue e muito mais em acções : ocupou na Guerra de Portugal com

Castela os maiores póstos, e achou-se nas ocasiões mais perigosas, sempre com grande reputação de valor e disciplina militar.

Êste foi o lastimoso successo da Capitânia : o da Almiranta se ignora totalmente, mas é sem dúvida que pouco antes foi topar com os mesmos penedos, ou com outros a pouca distância, e que se perdeu e submergiu em brevíssimo espaço, visto que da Capitânia, que lhe ia no alcânçe, se não percebeu rumor algum, por grande desgraça sua, porque, a senti-lo, êsse mesmo rumor os podia desviar do perigo iminente.

Algum tempo depois, correram nóvas em Benguela que havia Portugueses no Sertão correspondente aos báixos onde succedeu o naufrágio, porém, fazendo-se exquisitas diligências, não se acharam.

Ê de crer que, ou a notícia foi falsa, ou, se alguns saíram à terra, foram mortos e comidos pelo Gentio.

Mas é tempo de que sigamos as miseráveis relíquias de tanta perda.

Navegava o batel quási oprimido do pêso de tantas pessoas que mal cabiam nêle.

Servia-lhe um capote de véla.

Dava-se apenas a cada um, cada dia, uma galheta de água e foi grande felicidade haver acôrdo para se meter no batel um barril dela.

O comêr — era peixe, que tomavam fácilmente, mas, por não terem modo de o guisar, uns — o comiam mal enxuto ao Sol, outros — aturavam constantemente os rigores da fome.

Assim navegaram 7 dias, até que chegaram à cidade de S. Filipe, capital do Reino de Benguela.

Ali padeceram muito, por ser terra doentia e mal provida. Faltava-lhes embarcação e ao mesmo passo se lhe dificultava a esperança de partirem tam depressa para a Cidade de S. Paulo de Assunção, capital daquele Estádo.

Eis que aparece um patacho ao longe, que vinha demandando a terra !

Souberam logo que era o de sua consérva, que julgavam perdido.

Nêle foram para a cidade de S. Paulo, aonde chegavam

tam cortados das misérias e aflições padecidas que todos acabaram brevemente.

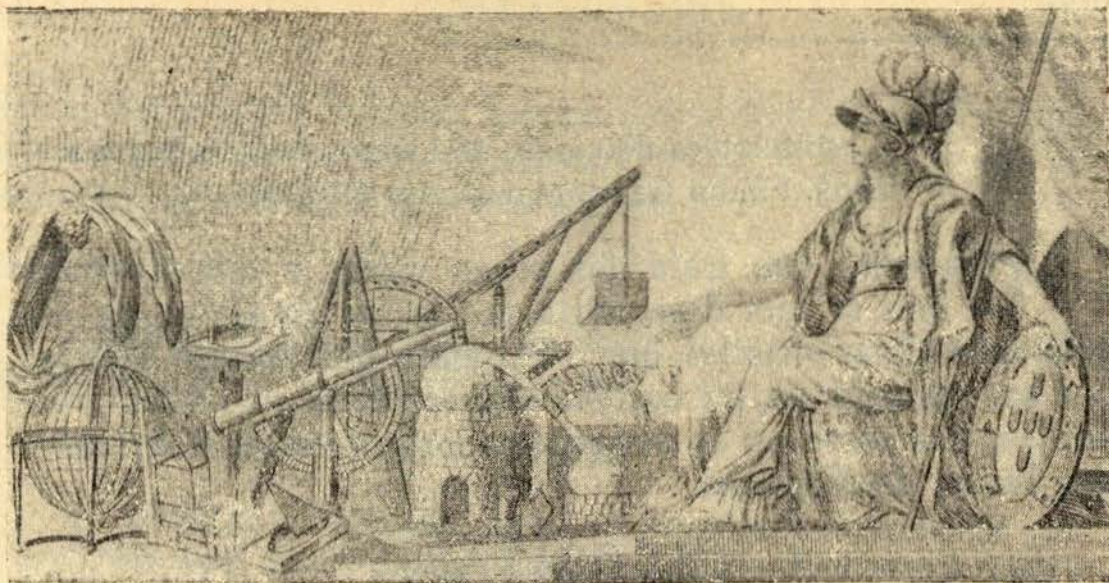
Foi mais sensível a morte do Bispo, por ser o primeiro, que lá se viu depois da Aclamação, e muito mais por ser pessoa de grandes virtudes e letras, que muito realçavam o esplendor de sua dignidade.

Faleceu, como já dissemos, a 12 de Janeiro de 1674.

(Continua).

Nóta do P. P. — Cadornega, no tómo II da sua *História das Guerras Angolanas*, descreve com côres trágicas êste naufrágio. Havemos de arquivar aqui êsse pedaço de história trágico-marítima, um dia.

O padre António Franco, às páginas 361-362 do *Ano Santo* também dá notícia do naufrágio, pois nêle morreram 7 jesuítas.



MEDICINA TROPICAL

(88 RECÊITAS)

Paus, ervas, raízes . . .



POR SER CURIOSA, COMEÇAMOS A publicar uma lista de paus, ervas, raízes e cascas medicinais que, noutros tempos, serviam em Angola para curar certas e determinadas doenças.

Não nos interessam as qualidades ou usos científicos de tais *milongos* ou *mèzinhos*: apenas lhe damos a publicidade debaixo do ponto de vista etnográfico.

Afonso Mendes é por vezes realista a valer, mas a sua intenção ou competência o obrigava a tal.

Nas doenças dos *países-baixos* dos dois sexos, substituiremos por . . . reticências as palavras que poderiam ferir a vista de nossos Leitores . . . castos e inocentes.

Padre POMBO.

(Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção dos Reservados. Fúndo Geral. Manuscrito n.º 6196).

Caderno que trata das ervas, raízes e outras cousas que se tem descoberto no Sertão do Reino de Angola, com várias virtudes, que o Sargento-Mór Afonso Mendes, por sua curiosidade, foi escrevendo, imitando ao Doutor Monardes, que escreveu as que se descobriram no descobrimento das Índias de Espanha.

(RECÊITAS)

1 — Pâra febres

O pau-de-cobra ou quitengue é singular remédio, roçado com alguma água em pedra, e do polme que sair se dará a beber em água morna ao febricitante, em quantidade que quiserem ou êle quiser beber, porque nenhuma faz mal. Com o mesmo polme morno se lhe untará o corpo que logo o cubrião para suar.

Também se pode fazer em pó êste pau, pisando-se ou ralando se, e se guardará em um frasco ou outra qualquer cousa de vidro, que assim se conserva melhor, e usar-se-á quando fôr necessário, na forma dita, em quantidade de meia oitava ou mais, se quiserem, para beber e para untar o corpo o que fôr necessário.

Também dêste pau se pode fazer dêle um admirável Cordial para provocar o suor na forma seguinte: Roçado na forma dita e quantidade do polme dêle uma colher ou duas de prata, também dente de engola, marfim de pontinhas pequenas e coco de maldiva, que chamam os pretos caroço de mateba. Tudo roçado em partes iguais, se faz um composto e, exprimendo-se nele um limão, se põi ao fogo com água e se ferve muito bem, e coado se dá ao enfermo, morno.

2 — Pâra pontadas

É bom o dito pau, dando-se a beber repetidas vezes, na forma dita e untando-se com êle a parte.

3 — Pâra inchações

E' admirável remédio e muito versado; untando-se com

êle morno a parte indicada quatro vezes ou mais no dia, quer seja de pancada ou outra qualquer cousa, e, ainda sendo de humores gálicos, obra grandes efeitos.

4 — Pâra a gota

Também alivia as dores, untando-se o dito pau na parte em que estiver (a dor), na forma dita.

5 — Pâra as mordeduras de cóbras

E' admirável remédio, dando-se logo a beber o dito pau e untar-se com êle a parte mordida, porque também é contra a peçonha.

6 — Pâra dores de...

Também é remédio o dito pau, bebido, e untando-se com êle o... na forma dita.

7 — Pâra almorreimas

E' também remédio o dito pau, tomando-se por ajuda, quer sejam chagadas ou por chagar; também bebido alimpa os rins.

8 — Pâra dores de estomago

E' também bom o dito pau, bebendo-se, e untando-se, por fóra, dêle.

9 — Pâra ar ou apoplexia

E' remédio o dito pau, dando-se a beber repetidas vezes, e untar-se com êle muitas mais vezes a parte lesa, estando o doente recolhido em uma casa muito agasalhado, e fazendo-se fogo nela.

10 — Pâra acháques

A dita raíz é muito boa, cozida em água, e dando-se a beber, principalmente para a icterícia, perlesia, gota-coral, hidropisia, quartans, baço crescido e erupções de todos os membros.

*

Tôdas estas virtudes tem êste pau-de-cobra, de que temos tratado e se descobriu no ano de 1619 aos brancos, que lhe

deram o tal titulo de pau-de-cobra, que os pretos lhe dão o de **quitengue** e outros muitos ; e o tinham em segredo, como usam com todos os seus remédios ; e acha-se esta dita árvore nas partes de Motemo, Hamba e Bango-Aquitamba ; advertindo que só da raiz se deve usar, e não do tronco, e esta há-de ser tirada em lua-minguante, da parte do oriente e nascente do sol, que pela parte do poente não tem virtude, e antes é prejudicial.

11 — Pâra esquinência

As fôlhas de feijão fradinho cozidas e secas ao sol, guardadas, servem para êste acháque, que se usarão na forma seguinte: tornam-se a mandar cozer algumas destas folhas e temperam-se com sal de pedra da Quiçama, em forma que fiquem um tanto salgadas, e da água dêste cozimento, tomando-se gargarejos e levando-se alguns goles dêle para baixo, de-enquando enquando, é singular remédio.

12 — Pâra accidentes de gota-coral

A unha de grão besta, trazida pela parte do coração, é um admiravel remédio ; e muitos dizem que a esquerda é a melhor.

13 — Pâra contra o ar

As favas pretas de Ambaca são muito boas, trazendo-se em o braço, e ditas também se dão a beber moídas com água a quem lhe der este acháque.

14 — Pâra a...

Também são boas estas favas, dando-se a beber na forma dita.

15 — Pâra febres

O pau quicongo é admirável cordial para atalhar as febres, roçado em pedra com água, e do polme que sair se dará ao enfermo quantidade de uma colhér de prata, pouco mais ou menos e há de ser em água bem morna. Também é bom o dito polme botar-se em ajudas frescas, por ser muito proveitoso.

16 — Pâra as dores de cabeça

O dito polme misturado com um pouco de vinagre bem forte, untando-se a testa e as fontes com êle — é remédio singular.

17 — Pâra supressão de urina

Seia-hiaguari é singular remédio roçado em uma pedra quantidade muito pouca, que se deitará em água rosada, ou de Almeirões, porção que baste para uma ajuda, que se tomará pela via de urinar com uma seringinha pequena, que são feitas para êsse efeito, e logo faz urinar; advertindo que, se se deitar quantidade grande do tal seia-hiaguari na ajuda, faz mal.

18 — Pâra carnosidades

Também é bom o dito seia-hiaguari tomado em ajuda na dita forma, e é uma casta de frutinhas que tem alguma aparência de cebola.

19 — Pâra febres

As raízes de um pau chamada purga de milondos, preparadas de infusão com cozimento de cevada, pevides de abóbora carneira e folhas de cene — é boa purga.

20 — Outra purga

As avelãs purgativas, tomando-se uma e meia em caldo de galinha, tirando-se primeiro depois de partidas uma folhinha ou âmago que tem dentro, faz (sic) despejar o ventre e fazer um vômito.

21 — Pâra os asmáticos

O óleo de elefante é muito bom morno, untando-se com êle três vezes o peito; e logo se sente melhoras, advertindo-se que se deve resguardar do ar.

22 — Pâra dores frias

Também é bom o dito óleo, aplicando-se à parte, na forma dita.

23 — Pâra as inflamações dos...

A raiz de mutututo é bom remédio, roçado em pedra com água e, do polme que saír, untar-se com êle morno.

24 — Pâra a erisipela e outras inflamações quentes

Também é bom a dita raiz, aplicando-se à parte na forma dita.

25 — Pâra as câimbras de sangue

As barbas de árvore da insandeira, secas e feitas em pó, são bons, dando se a beber em água morna ou tomando-se em caldos de farinha milho ; repetindo-se êste remédio até se estancarem ; os ditos pós se podem fazer e guardar em frasco.

26 — Pâra quedas ou pancadas

Também servem os ditos pós, dando-se a beber em água morna ; também com as fôlhas desta árvore se curam as fontes.

27 — Pâra a dôr de pedra

Os grãos ou caroços de dentro das bananas pequenas que chamam micesfos pisados e dados a beber em vinho, faz logo urinar e quebrar a pedra.

28 — Pâra o ar

A raiz do pau mubango também é bom remédio, roçado em pedra, e do polme, que saír dar-se a beber meia colher de prata em água morna ; e untar-se com êle também a parte lesa.

29 — Pâra câimbras de frio

Também é bom o dito pau, dando-se a beber na forma dita, e tomar-se em ajuda.

30 — Pâra contra-peçonha

São boas as pedrinhas da praia, que têm forma de linguínhas, feitas em pó ; e, dando-se a beber em água, faz logo vomitar a peçonha.

31 — Pâra febres

Também são boas as ditas pedras, dando-se a beber na mesma forma.

32 — Pâra cursos ou câimbras

A raiz tumbata também serve, roçada em pedra com água e dando-se a beber em caldos de farinha de milho.

33 — Pâra dores de enxaqueca

A raiz lequiriato é bom remédio roçada em pedra com água, e do polme, que saír, untar-se com êle a parte dorida, sem ser necessário amornar se.

34 — Pâra a hidropisia

As raízes da mufuta delidas com a casca do mesmo pau ou tronco da mesma árvore, se lhe ajuntará pepe roçado em pedra, sobongos, cenquefuz picados, tudo feito em uma massa posta em umas folhas de mupodole, que por outro nome chamam calufagi; applicando-se sôbre a barriga, logo se sente melhóras dêste acháque; se não fôr procedido de veneno, que também logo o mostrará com o remédio, recolhendo-se o umbigo do hidrópico dentro.

35 — Pâra curar humores gálicos

O pau santo, ou gojação, faz-se em lascas muito delgadas ou se manda tornear que é melhor, e das raspas, que se fizerem, se porão 12 onças de mólho 24 horas em 3 camadas de água, e ao depois se põem a cozer em fogo brando de carvão até que fique a água em uma canada, e esta se dá a beber ao galicado.

36 — Pâra...

O pau paco roçado em uma pedra com água, e do polme, que saír, dando-se a beber em uma colhér de prata em água, é bom remédio e, faz logo cursar.

37 — Pâra ventosidades

A cardamoma é boa, mastigando-se e levando-se para baixo ; também com ela se aduba a panela.

38 — Pâra contra-peçonha

A casca do pau sacco, pisado e feito em pó, ou roçado em pedra, duas ou três oitavas dêle, desfeito em vinho ou em água, e dando-se a beber, faz logo vomitar a peçonha.

39 — Pâra febres malinas e dores de...

Serve também a dita casca, dando-se a beber na mesma forma.

40 — Pâra febres

A pedra vasar do Elefante, que é uma bola do tamanho de um ovo, que se acha por acaso nos buchos daqueles que se matam, comumente daqueles que já são muito velhos, dando-se pisada e beber quantidade de pêso de um vintém de prata do Reino de Portugal, na declinação da febre faz suar valentemente e melhores efeitos do que a pedra vasar da Índia. Conhece-se esta bola ser a mesma que se trata no descascar a-modo-de cebola, quando a partem, na côr acanelada sendo meúda, e no amargar muito.

(Continúa).

Nóta do P. P. — Dêste estudo do sargento-mór Afonso Mendes vamos tirar uma separata completa, de 200 exemplares, para oferecer aos srs. Médicos e Farmacêuticos da Colónia de Angola, que no-la pedirem directamente.

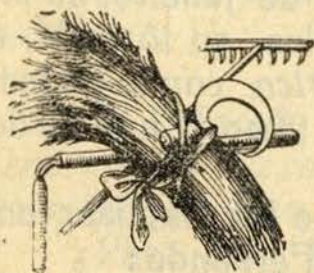


MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

Mais 320 páginas...



COM O PRESENTE NÚMERO completa-se a nossa II série: o que valem estas páginas, podem dizê-lo com justiça os nossos bons Leitores...

O que, a respeito do passado de Angola, temos escrito nesta modestíssima revista, representa muito trabalho e amor e carinho, de nossa parte: só nos tem faltado tempo para cumprirmos bem ou nos desempenharmos cabalmente da tarefa que debaixo de nossa responsabilidade tomámos e temos.

Os nossos devêres ou obrigações de estudante não nos dão folga para investigações pacientes e constantes ou continuadas, outra vez o repetimos.

Vamos fazendo o que podemos e não o que tanto desejávamos.

A nossa independência moral e política chega ao ponto de não aceitarmos ou de recusarmos o auxílio seja-de-quem-fôr: a revista *Diogo-Caão* e o seu director ou organizador — contentam-se ou orgulham-se com os aplausos simples e honestos que o Público lhe têm dispensado, embora... *magros*.

Ora vejam: em Angola, vendem-se avulsos cêrca de 30 números e temos 50 assinantes honrados e 10... esquecidos ou que não nos pagaram ainda as duas séries; no Congo-Belga — 200 assinantes honrados, sendo 190 portugueses e só dez belgas; e cá no Continente temos só 25 assinantes e, avulsos, vendem-se 20 a 30 números.

Da I série já vendemos em Lisboa 80 colecções a 55\$00, cada uma.

Ao fechar da II série, a nossa Empresa não deve náda a ninguém, graças a DEUS.

Lisboa. Dez. de 1934.

Padre RUELA POMBO.

O médico BOMTEMPO

Do médico José Maria Bomtempo, fundador, lente e director da Escola-Médica do Rio-de-Janeiro, dá algumas notícias Inocêncio Francisco da Silva, no tómo V, e página 23, do seu *Dicionário Bibliográfico*, como podem ver. Também o dr. Sacramento Blake, no tómo V e p. 39 do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*.

Pelo seguinte documento prova-se que fez baptizar em Luanda um filho, que recebeu o nome de Fernando:

— «A 13 de Outubro de 1802, nasceu em Luanda e foi baptizado a 30 de Outubro na Freguesia da Sé pelo Ex.^{mo} Sr. Bispo Dom Luís de Brito Homem — FERNANDO, filho legitimo do Dr. Fisico-Mór deste Reino de Angola — José Maria Bomtempo, natural da freguesia do Loreto de Lisboa. Seu pai era do Reino-de-Nápoles. Padrinhos: o Ex.^{mo} Sr. governador Dom Fernando Antóni^o

Soares de Noronha e Nossa Senhora da Nazaret, tocando com a Prenda ou Coroa o Sargento-Mór António Salinas Castelo-Branco Benevides.»

Tal assênto está arquivado à fôlha 62 do Livro de Baptizados n.º 5 da Sé-Velha de Luanda.

P. P.

Despotismo velho e antigo...

Em 21 de Março de 1747, Alexandre de Gusmão, secretário particular de el-rei dom João V, mandou de Lisboa a seguinte carta para o Governador de Angola João Jaques de Magalhães :

— *«El-Rei Nosso Senhor está cabalmente informado de que V. Ex.^a governa êsse Reino de Angola à maneira dos Baxás da Turquia; cujos procedimentos são contrários à graça do provimento do Govêrno que foi feita à V. Ex.^a sem preceder donativo:*

— *Pelo que é sua Majestade servido ordenar que V. Ex.^a faça justiça, favoreça o comércio, respeite a religião e procure favorecer os interêsses dos povos, sem prejuizo do Estâdo, abstendo-se daqui por deante de todos os procedimentos e acções que possam conduzir quêixas ao Trono.»* —

Na Colecção de vários escritos inéditos, políticos e literários de Alexandre de Gusmão, Pôrto, 1841, às páginas 21 e 22 está êste Aviso e ali consta que foi remetido :

«Para dom António de Almeida, Conde do Lavradio, Governador e Capitão General de Angola, relativamente à maneira tirânica com que procedia no seu govêrno».

Mas, de 28 de Março ou primeiro de Abril de 1738 até 17 de Abril de 1748, foi Governador João Jaques de Magalhães.

O Conde-do-Lavradio governou Angola de 12 de Janeiro de 1749 a 23 de Julho de 1753.

O dr. Ferrás Gramosa no tómo II dos *Sucessos de Per-*

tugal, impressos em Lisboa em 1883, à página 154, nota tam sòmente que a Carta foi — «Pâra o Governador e Capitão General do Reino de Angola» — sem dizer o nome.

P. P.

Abusos incuráveis...

Abusos incuráveis, ou males sem remédio, ou fragilidades humanas, ou finuras... de rato, ontem, hoje e sempre haverá disto tudo lá pelas terras angolanas!!!

Vamos contar...

Façam favor, caros Leitores, de ler, mas não fiquem de bôca aberta pâra o ar :

— *«Decreto. — Havendo-se por sentença julgada livre e absolvido do crime de fuga, pelo qual foi preso José Nicolau da Costa, escriturário contador da Contadoria da Junta da Minha Real Fazenda no Reino de Angola:*

Sou servido nomeá-lo para servir o emprêgo de escriturário contador da Contadoria da Junta da mesma Real Fazenda de Paraíba-do-Norte, donde saiu (sem servir) para a da sobredita Junta de Angola.

E outrossim — Hei por bem perdoar lhe os 350 mil réis, que ficou devendo de seus ordenados em Angola. — Tomás António de Vila Nova Portugal, do Meu Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Encarregado da Presidência do meu Real Erário, o tenha assim entendido e faça executar, expedindo para êste fim as ordens necessárias. — Palácio do Rio-de-Janeiro, em 17 de Julho de 1819. — Com a Rubrica de El-Rei Nosso Senhor. — Cumpra-se e registre-se. — Rio-de-Janeiro, 4 de Agosto de 1819. — Com a Rubrica do Ex.^{mo} Sr. Tomás António de Vila Nova Portugal, Encarregado da Presidência do Real Erário. — Manuel Jacinto Nogueira da Gama.» —

Tal decreto está publicado no número 308 da *Gazeta de Lisboa*, de 30 de Dezembro de 1819.

Podem ver...

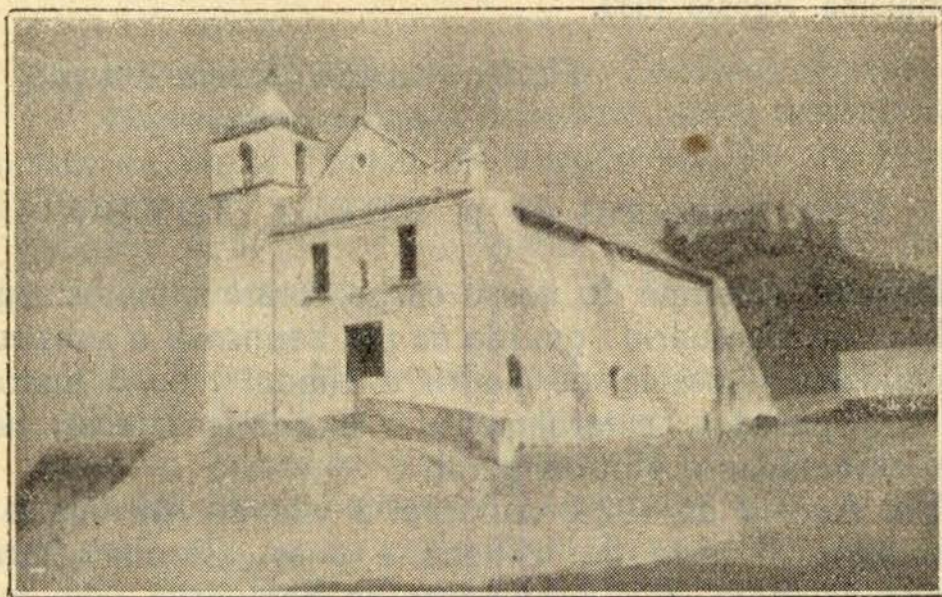
P. P.

Centúria religiosa

(Continuação da pág. 280)

1909 — Festa de 8 de Dezembro. — «*Lida e aprovada a Acta da Sessão anterior, passou-se a tratar da Solenidade da Imaculada Conceição, Padroeira desta Freguesia, ficando resolvido que se celebrasse essa Festa do melhor modo possível, e que se adquirisse o número de foguetes necessários, e tudo o mais como nos anos pretéritos, atendendo às circunstâncias financeiras da junta.*» — Acta número 24, de 7 de Novembro (Act., X, 122, v.).

1910 — Festa da Semana-Santa (Id., 124, v.). O bispo



SANTUÁRIO DE MUXIMA

diocesano dom João Lima Vidal esteve na Muxima no dia 11 de Julho (Act., X, 127, v.). Pensaram na Festa de Dezembro, mas não se realizou.

1911 — A 5 de Setembro, ocupa o lugar de Pároco o padre Agostinho de Sousa. Fez-se a Festa da Padroeira (Ac., X, 131, v.).

1912 — No mês de Julho, começa o administrador Paulo Amado de Melo Ramalho a perseguir injustamente o pároco

padre Agostinho de Sousa, como tinha feito ou procedido contra o padre Costa Frota (Act., X, 139).

1913 — Em 2 de Fevereiro de 1912, pela segunda vez esteve em Muxima o bispo diocesano dom João Lima. Depois de 17 de Setembro, retirou-se da Muxima o pároco padre Agostinho de Sousa.

Até Agosto de 1922, a Igreja esteve administrada por uma Comissão ou Junta-Civil. — Inventário ou Carga dos Bens da Igreja (Act. XI, 8-11). O novo Pároco Padre Manuel Filipe Santiago (Act., XI, 45. v.).

1929-1933 — No dia 6 de Maio de 1929, chegou ao Presídio de Muxima, na qualidade oficial de pároco, o padre Manuel Ruela Pombo. Tomou posse da Freguesia no dia 8 (Of., IV, 107). — Retirou-se, doente, a 17 de Agosto de 1933.

Muxima. Agosto/1933.

Padre Manuel Ruela Pombo.

(Pároco-Missionário)

Nóta temporal do p. RUELA POMBO

Durante o tempo do nosso cargo, foram feitas as seguintes obras no Santuário: guarda da pia-baptismal e construção do sumidoiro; passeio de pedra e cimento, de 3 metros à volta das paredes, externamente; escadaria lateral; novas portas assentadas e pintura geral.

Em Agosto de 1929, visitaram a vila de Muxima o sr. Comandante Ernesto de Vilhena e o sr. Coronel António Brandão de Melo, dois benfeitores do Santuário.

Em 1930, deixou a Muxima de estar isolada de Luanda, sendo, por iniciativa dos Moradores da vila, e com a ajuda das Autoridades de Catete, feita a ligação com Luanda por meio de estrada de automóvel.

Pelo 5 de Outubro, foram de Luanda muitos caçadores até às margens da lagoa de Quisua, onde abateram dúzias de pacaças e veados e galinhas.

Em Agosto de 1932, esteve na Muxima o sr. governador geral Coronel Eduardo Ferreira Viana.

Na frente da Igreja e margem do rio Quanza, são lançadas pedras.

Em 1933, começa o sr. Administrador Francisco Bragadesto o **Paredão**.

Nos dias 3 e 4 de Julho esteve na Muxima o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo D. Moisés Alves de Pinho.

Como sabem, em Angola tem sido medonha a crise e por isso os rendimentos da Fábrica do Santuário não chegam nem à metade do que eram no tempo passado.

Em 1929, para ir de Luanda à Muxima, gastei em comboio e canoa dois dias: agora vai-se de automóvel em duas horas!!!

E' o... **Progresso**.

○ bispo eleito d. frei Francisco

○ Marquês-de-Pombal, ainda Conde-de-Oeiras, mandou desterrado para Luanda o padre dominicano frei Francisco de Santo-Tomás: ali chegou em 22 de Fevereiro de 1762.

António de Vasconcelos, então governador de Angola, a êste respeito escreveu a el-rei d. José a seguinte Carta:

— *«Foi Vossa Majestade servido ordenar-me por Carta firmada de seu Real Punho, em data de 27 de Abril do ano próximo passado que, chegando a êste Reino frei Francisco de Santo-Tomás, Bispo Eleito dêle, e que, por ordem de V. M., havia embarcado para a Baía, se lhe pague pela Real Fazenda as Cômruas, que competem aos seus respectivos Bispos, com a antiguidade do dia do embarque:*

O mencionado Bispo Eleito chegou da Baía a êste Reino de Angola no dia 22 do corrente e na forma das Ordens de V. M. lhe fica feito assênto nos livros da Real Fazenda, para o vencimento da dita Cômrua.»

Esta Carta-Ofício tem a data de 25 de Fevereiro de 1762 e existe no Arquivo Histórico Colonial da Junqueira, em Lisboa.

P. P.

Um sobrinho de el-rei de Congo d. Garcia V.

O bispo d. Luís de Brito Homem baptizou, em 1803, na Catedral de Luanda o príncipe congolês d. Afonso, como consta do assênto seguinte :

— «A dez de Agosto de 1803, no Catedral de Luanda, o Bispo Dom Luís de Brito Homem baptizou o príncipe Dom Afonso, filho legítimo de Dom Henrique e de Dona Isabel de Água Rosada e Sardónia, irmã de El-Rei de Congo Dom Garcia V, ora reinante. Nasceu na Côrte de Sam-Salvador a 21 de Janeiro de 1794. Foram padrinhos: o Governador Dom Fernando António Soares de Noronha e Nossa Senhora da Conceição. Tocou com a Coroa ou Prenda o padre Frei Serafim d'Aqui, prefeito do Convento de Santo-António de Luanda.» —

Tal assênto está arquivado no livro n.º 5 de Baptismos da Sé-Velha de Luanda, à fl. 100, v., como já ficou escrito à pág. 287 desta série.

P. P.

O sargento-mór Luís Vás

Em 1792, chegaram ao pôrto de Luanda alguns deportados políticos, que tentaram proclamar a Independência do Brasil, debaixo da forma de govêrno republicano.

Já temos escrito muitas páginas relativas à vida que levaram em Angola êsses patriotas.

Em Setembro de 1803 ainda era vivo o sargento-mór Luís Vás de Toledo e Pisa, como se prova pelo seguinte assênto :

— «1803. — Aos dez de Setembro de 1803, baptizou solenemente o Reverendo Cura Manuel Teixeira de Carvalho a LUÍS, pardo, de que se não sabe os pais por ser exposto em casa do Sargento-mór Luis Vás de Toledo e Pisa.

Foi padrinho: o dito Sargento-mór. Oferecido à Nossa Senhora dos Remédios e por procurador o padre António da Silva Guimarães. Foi exposto aos 15 de Agosto de 1802. Do que mandei fazer êste assento e assino. — Vigario (a) João Pinto Maxado.» —

No livro número 13 da Paróquia dos Remédios de Luanda, à fôlha 204, está arquivado êste assento.

* * *

No livro número 1 da Irmandade do Espírito Santo, à fl. 45, v., consta que o sargento-mór Luís Vás tomou, a 7 de Maio de 1802, posse do seu lugar de Irmão, e assinou o termo.

Com a dáta de 12 de Junho do mesmo ano, Luís Vás, por procuração, tomou posse pelo irmão Joaquim Xavier, capitão-mór. (Fl. 56, v.).

O capitão-mór Xavier, como está averbado à margem, faleceu em Agosto dêste mesmo ano. No livro número 3 de óbitos da Paróquia dos Remédios de Luanda, à fl. 87 está lavrado, com a dáta de 15 de Agosto de 1802, o assento de óbito do cap. Joaquim Xavier, que era casado com d. Bárbara Maria de Jesus.

No assento do irmão Luis Vás está apenas notado — *Faleceu*, sem dáta.

P. P.

Quitanda de Benguela-a-Nova

Nesta mesma II Série, à p. 58, foi publicado um pedaço de uma Portaria de Abril de 1791, que, a respeito da escôlha do lugar para a Quitanda ou Mercado-Público de Benguela-a-Nova, mandou o governador Manuel de Almeida e Vasconcelos ao juiz-de-fóra dr. António da Silva Lisboa.

Essa ordem não foi cumprida, como o prova o seguinte documento :

— «Outubro 14, de 1791. — Ordem para o Dr. Juiz-

de-Fóra de Capitania de Benguela fazer sustar a obra de Quitanda.

O Dr. Juiz-de-Fóra da cidade de Benguela, logo que receber esta minha Ordem, fará suspender a obra e factura da Quitanda, em qualquer estado em que se ache, sem nela se tornar a trabalhar mais cousa alguma, cessando assim os protestos... deixando de observar o que mandei na minha Portaria de 15 de Abril de 1791, confirmando-se a desobediência com se não cumprir a minha Portaria de 21 de Agosto de 1791 sobre o mesmo assunto, o que porei na Presença de sua Majestade. — Quartel General de Angola, em S. Paulo da Assunção de Luanda.

Tal documento está arquivado no livro VI da antiga Secretaria Geral de Angola, à fôlha 43, v.

O governador queria que a Quitanda de Benguela-a-Nova fôsse construída em lugar de fácil comodidade para todos os habitantes e até para os pretos do Sertão.

AVISO



No número 1 da III série, a aparecer em Junho de 1935, e que vamos apresentar todo *papo-sêco*, serão publicadas :

- 6 páginas sobre os Holandeses
- 6 páginas de Cadornega, I tómo, cap. IV
- 6 páginas sobre o Convento Franciscano de S. José
- 6 páginas sobre as Lútas Liberais
- 4 páginas sobre os... insatisfeitos
- 4 páginas sobre o Canal-do-Quanza.
- São 32 páginas tôdas curiosas, a valer.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1934.

Padre POMBO.

ÍNDICE

Questões Marítimas Internacionais

I

Os Holandeses contra os Portugueses

(Continuação da pág. 274 da I Série)

20 — A eleição do governador António de Abreu de Miranda	3
21 — O seu cuidado e zêlo	4
22 — Maçangano, capital de Angola de 1641 a 1648.	5
23 — A fuga de Pedro César de Meneses	6

(Continua).

II

Os Portugueses & os Ingêleses

INTRODUÇÃO

1 — O nosso orgulho de PORTUGUÊS	59
2 — A diplomacia luso-britânica	60
3 — O nosso roteiro literário	61
4 — O problema económico e civilizador.	62
5 — Ilusões & Desastres	63

PRIMEIRA ÉPOCA — Na Dinastia-de-Avis

CAPÍTULO I — No reinado de D. João II

1 — O Comércio & a Civilização	73
2 — Rivalidade & Cobiça	75
3 — As manhas marítimas do Príncipe-Perfeito.	76
4 — Primeiras tentativas estrangeiras	109
5 — Uma armáda para a Guiné	110
6 — O Conde-de-Penamacor	111

(Continua).

III

Os Portugueses & os Franceses

INTRODUÇÃO

1 — Os Portugueses no Mar	161
2 — Diplomacia luso-francesa	163
3 — Divisão do assunto	164
4 — A utilidade económica aos Descobrimentos	165
5 — Os Franceses e o Mar	166

PRIMEIRA ÉPOCA — Na Dinastia-de-Avis

CAPÍTULO I — No reinado de D. João II

1 — No reinado de Carlos VIII	257
2 — Os piratas franceses nas costas de Portugal	259
3 — O jovem marinheiro Vasco da Gama	259
4 — Alé... um papagaio !!!	260

(Continua).

Angola-Menina

No governo de Paulo Dias de Novais

I — Notas arqueológicas e etnográficas	8-27
II — Informações políticas e administrativas	31-38 e 65-72

Catálogo dos Governadores de Angola

(Continuação da pág. 298 da I Série)

XX — Pedro César de Meneses (Depois da Restauração)	29
XXI — António de Abreu de Miranda	30
XXII — Pedro César de Meneses (Depois da fuga)	30
XXIII — Francisco de Souto Maior	31
XXIV — Os três Capitães-Móres	39
XXV — Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha	39
XXVI — Salvador Correia de Sá e Benevides	40
XXVII — Rodrigo de Miranda Henriques	41
XXVIII — Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha	41
XXIX — Luís Martins de Sousa Chicorro	42
XXX — João Fernandes Vieira	105
XXXI — André Vidal de Negreiros	107
XXXII — Tristão da Cunha	231
XXXIII — Senado da Câmara	232
XXXIV — Francisco de Távora	269
Pedro César de Meneses (segundo)	270

(Continua).

História Eclesiástica

Missionários & Missões	97
Câmara Eclesiástica de Luanda	98
Livros e papéis queimados	99
O bispo-eleito d. Leonardo José Vilela	100
Bens dos Conventos de Luanda, em 1834	101
Destino dos 3 Conventos	102
Os três padres Falcões	103
Arquivos Religiosos	145
Cartório paroquial de Muxima	146 152 e 167-174
O bispo d. Joaquim Maria Mascarenhas	194
Cadeira de Teologia-Moral	194
Frei Bernardo Cannecattim	195
Duplo Padroeiro de Novo-Redondo	196
O vigário-capitular Azevedo Galiano	196
Fundação do Convento do Carmo, em Luanda	225-230 e 289-296
Festa da Conceição, em Muxima (1833-1933)	271-280 e 309-311
O bispo d. António do Espírito Santo	290

História do Brasil Colonial

A Conspiração do Tiradentes	113
Artigo do diário <i>Minas Gerais</i> de Belo-Horizonte	114
O Arcebispo de Diamantina	116
O dr. João Ribeiro	117
O sr. General Norton de Matos	119
O deportado Luís Vás de Toledo e Pisa	313

António de Oliveira de Cadornega

INTRODUÇÃO

Os inéditos de Cadornega	129
O livro ANGOLA do sr. cel. Felner	130 e 159
Autógrafos e cópias de Cadornega, na Academia de Ciências	132

I TÔMO

Dedicatória ao príncipe D. Pedro II	133
Razões da Dedicatória	134
Ao Leitor	138

PRIMEIRA PARTE — Primeiro capítulo

1 — Reinos de-Sebaste	140
2 — Reino-de-Congo	141
3 — Reino-de-Angola	142
4 — Traição	175
5 — Primeira viagem de Paulo Dias de Novais	176
6 — Segunda viagem	177
7 — Fundação de Sam-Paulo de Luanda	213

Segundo capítulo

8 — Os limites do Reino-de-Angola	215
9 — Províncias, comarcas e sòbados	216
10 — A Côrte do Rei-de-Angola	217
11 — Família real e vida doméstica	218
12 — O herdeiro do trono-real	219
13 — A origem da Dinastia-Ginga	219

Terceiro capítulo

14 — A conquista da Ilamba	233
15 — Os pretos da Quiçama	234
16 — Na margem direita do Quanza	235
17 — Nas vizinhanças da lagoa de Angolome	236
18 — Nas margens do Lucala	261
19 — Fundação do Presídio de Maçangano	262
20 — Fidalgos pretos vizinhos de Maçangano	262
21 — A primeira ermida de Maçangano	263
22 — A calamidade da fome	264
23 — A batalha de 2 de Fevereiro de 1583	265
24 — Mortandades nas margens do rio Mucoso	266
25 — No sítio de Calomba	267
26 — A morte de Paulo Dias de Novais	268

(Continua).

No tempo do Marquês-de-Pombal

O dr. José de Seabra da Silva (Deportado político)

Despotismo do Sebastião & de d. José	43
O bispo-eleito d. Frei Francisco de Santo-Tomás	44
O crime misterioso do dr. Seabra da Silva	45
Indulto a favor do dr. Seabra	77
O infame Cardeal-da-Cunha	78
O padre Jesuíta Antunes Vieira (Artur Viegas)	79
Nótas curiosas	81
Pouca luz em densas trevas	189

«Relação do Reino de Congo e das Terras Circunvizinhas»

(Texto em italiano e retroversão)

Portada literária e architectónica	197-198
Ao Leitor	199-201
Capítulo I	202-212 e 237-252

(Continua).

Miscelânea

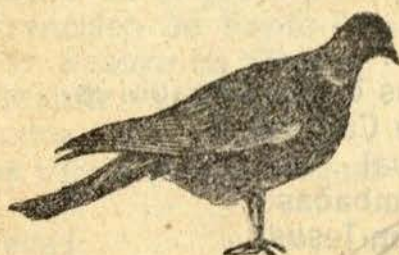
O nosso BOLETIM OFICIAL	47
A pré história do Congo-Belga	49
A inquisição em Luanda	50
A história... repete-se	50
Fortaleza de Caçandama	51
Angola... Novo-Brasil	52
As micutas carimbaças	53
Catumbela-das-Ostras	54
Os nativos	55
A bananeira	56
A febre-amarela, em Luanda	56
Pacaças & Mosquitos	57
A quitanda de Benguela-a-Nova	58 e 313
Pedras Negras de Pungo-Andongo	81
A verdade, não nua, mas vestida	83
O búzio ou zimbo	85
As minas de prata de Cambambe	86
Os três — Pedro César de Meneses	87
O trabalho & a civilização	88
Nomenclatura marítima	89
Arte... de furtar	89
O almirante Peçanha	90
A Igreja do Corpo-Santo, em Luanda	91
Portugal... empobrecido	92
A vegetação espinhosa	92
Contrabando, não de diamantes	93
Os pretos e as árvores de fruto	94
Nova-Oeiras	95 e 191
Historiografia Angola	122 e 185
Três assentos de óbitos de Governadores	123
António de Oliveira de Cadornega	125 e 191
Portugal Militar & Naval	125
Micutas simples e carimbaças	126
O arimo do Bruto (Bom-Jesus)	128

Lopes & Pigafeta	143 e 184
Fontes históricas	153
Benfeitores da Igreja e Fortaleza de Muxima	154
O Santuário de Muxima, em 1813	155
A morte, em Muxima, dos padres Caramona e Jerónimo	156
Morcegos... históricos, em Muxima	157
<i>arquivos de Angola.</i>	158
A nossa modestíssima Livraria	159
Eco do VINTISMO em Angola	179
O deputádo padre Manuel Patrício Correia de Castro	180
Documentos Angolanos anteriores a 1648.	186
Retratos dos Bispos de Angola	187
Os Jesuítas em Luanda	188 e 256
Atlas histórico de Angola	189
Almanaque de Angola, para 1852	190
Batalha de Ambuíla	192
Reportórios alfabéticos do <i>Boletim Oficial</i>	222 e 286
Os peixes do rio Quanza	222
O alferes Sampaio	223
O dr. Pacheco de Bettencourt	224
Tempo, saúde, dinheiro e paciência	252
Origem do nome de Pôrto-Alexandre	254
Degredádos italianos em Angola	254
O bispo-eleito d. fr. Francisco	256 e 311
A historiografia oficial.	281
O bispo d. frei Alexandre.	283
Em Luanda	284
Doença-de-sono	286
Reino-de-Congo.	287 e 312
O cavalo-marinho	288
Mais 320 páginas	305
O fisico-mór Bomtempo.	306
Despotismo velho e antigo	307
Abusos incuráveis	308
Muxima e o Turismo	309 a 311

Medicina tropical

Paus, ervas, raízes e cáscas 297 a 304

(Continua).



triótico exemplo do seu director, o Padre Manuel Ruela Pombo, antigo missionário de Angola, se generalizasse a muitos outros meios coloniais, quanta preciosidade se teria arrancado à destruição do tempo e ao olvido das gerações, fazendo desaparecer as grandes lacunas da nossa vida colonial de tantos séculos!

Ao nosso ilustre colega agradecemos os exemplares que nos tem enviado.

(Da revista *Portugal Colonial*, no seu n.º 41).

No fêcho ou atilho da 2.ª série...

A revistinha «DIOGO-CAÃO», não obstante a sua *trajectória* repleta de peripécias, engraçadas — ora, tristes — ora, ela tem uma *vida* própria e independente e garantida.

Seu *párto*, como sabem, foi laborioso, mas ela... *nasceu*.

Nem a *doença-do-sono* lhe *pegou* lá no Presídio de Muxima...

Nem uma *junta-médica* foi capaz de... *assassiná-la*.

Na III série, se DEUS quiser, continuaremos com as nossas já conhecidas secções e também apresentaremos novos estudos de investigação

Bem sabemos ou conhecemos até onde podem chegar, e... *parar*, as nossas fracas *fôrças*.

Lisboa, Dezembro de 1934.

Padre POMBO.

PETIPÉ... LITERÁRIO

- I) — A revista ilustrada *Diogo-Caão*, de vários e variados assuntos velhos e antigos angolanos, contém nas suas páginas *material* sobre

HISTÓRIA,
GEOGRAFIA,
COMÉRCIO,
CIVILIZAÇÃO,
ARTE,
ETNOGRAFIA E
CRÍTICA.

- II) — Tõda a *colaboração*, tanto a literária como a artística, é solicitada ou pedida directamente por nós.
- III) — Os artigos ou trabalhos assinados são da absoluta *responsabilidade* de seus *autores*.
- IV) — Não são permitidas *polémicas* de carácter pessoal ou individual.
- V) — A revista *Diogo-Caão* publica-se em *séries* de 10 números, tendo cada um, pelo menos, 32 páginas.